

Cam  
5-11

8  
Off. pelo author em  
10/6º/89 - A' Sociedade

ALMA MINHA GENTIL.

GLISA DO JUDER

Antonio Joseph da Silva



Cam  
511

ALMA MINHA GENTIL



GLOSA DO JUDEU

A

ALMA MINHA GENTIL

COM UM PREFACIO

DE

JOAQUIM DE ARAUJO



PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA

Rua do Bomjardim, 181

1889



COMPRA

R. 177500

TIRAGEM

*Vinte exemplares em papel superior, impressão a cores, numerados de 1 a 10, com frontispício a preto, de 1 a X, com frontispício a duas cores.*

*Dez exemplares, sem tarja, fora do mercado.*

X DE JUNHO DE MDCCCLXXX

## DUAS PALAVRAS

*Da vastíssima serie de glosas consagradas, neste e no seculo anterior, ao famoso soneto da Alma minha. uma das que mais salientemente se destacam pela suavidade da expressão camoniana e pelo primor da contextura é por certo a que Antonio José da Silva desdobrou atravez das peregrinas estancias, que esta nossa brochura reproduz. Essas estancias, com effeito, são um trecho palpitante de vida, rebentando dentre as seccas e aridas composições que constituem as paginas banaes de graves elegias, tracejadas em memoria da bellissima infanta D. Francisca, que tal é o epitheto com que o pobre do Judeu inaltece a formosura da princeza de Bragança, a que alludimos. <sup>1</sup> Aveffu ao*

1 «Acentos saudosos das Muzas Portuguezas na sentida morte da Serenissima Senhora a Senhora D. Francisca Infanta de Portugal. E a Oraçam que pela mesma causa recitou no Paço o Marquez de Valença Censor da Academia Real. Primeira parte. — Lisboa Occidental, Na Offic. de Antonio Isidoro da Fonseca — Anno M.DCC.XXXVI. Com todas as licenças necessarias.»

feito sarcástico de Antonio José é a composição para que chamamos a atenção do grupo de camonianistas portuguezes, mas nem por isso empana o brilho de personalidade litteraria tão sympathica e tão pouco estudada ainda. Offerece até uma feição distincta do talento do singular escriptor, para quem não haja presentido, por debaixo da linguagem vivamente pittoresca das suas famosissimas comedias, a tortura de pungentes soffrimentos, que tiveram como epilogo a fogueira tenebrosa dos dominicanos. Antonio José morreu queimado, diante desse mesmo povilão sem brio, que lhe havia applaudido, nos barracões do Bairro-Alto, a graça original das farças; e acaso os que lhe admiraram o primor da inspiração, nas endeckas á morte da Infanta portugueza, encontraram dentro da alma a covardia necessaria para o abandonarem ás agonias do supplicio extremo. Pelo decorrer do seculo XVIII, são frequentes essas vilanias.

Nem todas as Bibliographias, elaboradas em honra do epico sublime dos Lusíadas compendiam no limite dos seus numeros o luctuoso opusculo que assignalamos; é de ver portanto que não deve ser de facil aquisição. O mercado raras vezes o accusa. Costa e Silva achou-o decerto no decorrer das suas investigações, que no Ensaio biographico e critico dos melhores poetas portuguezes apresenta um traslado da formosissima glosa. Ali não é difficil encontrar-a, mas o Ensaio perdeu de moda, desde muito,



*sem que lhe valesse por maneira alguma o embargo que, a beneficio do seu valor contestadissimo, lhe metteram alguns doutos, educados ainda pelos estreitos moldes dessa obra. O caso do Auto das boas estreias dá uma nota bem vibrante e bem verdadeira do valor critico daquelle manancial.*

*Quando um dia alguém se dê ao trabalho improprio de reunir e monographar amorosamente as producções poeticas, a que o celebre soneto de Camões tem dado campo, nesse livro que os corações delicados hão de acingir com a aureola das suas sympathias mais intimas, certo que uma das fulgurações que sobresahirão será o diamantino rosario de estrophes do desventurado autor dramatico. É que esses versos hão de ecoar sempre na alma humana: não ficarão nos estreitos limites de um folheto. Espalhar-se-hão, no perpassar das gerações, como se espalharam, no turbilhão da ventania, as cinzas do malaventurado martir condemnado no sinistro palacio dos Elysios. . .*

10, junho, 1889.

JOAQUIM DE ARAUJO.



GLOSA AO SONETO DE LUIZ DE CAMOENS  
NA QUAL EXPRIME PORTUGAL O SEU SENTIMENTO  
NA MORTE DA SUA BELLÍSSIMA INFANTA A SE-  
NHORA D. FRANCISCA

---

*Alma minha gentil, que te partiste.  
Tão cedo desta vida descontente?  
Repousa lá no Ceo eternamente.  
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etereo onde subiste  
Memoria desta vida se consente,  
Não te esqueças daquelle amor ardente,  
Que ja nos olhos meus tão puro viste.*

---

*E se vires que pôde merecerte  
Alguma cousa a dôr, que me ficou  
Da magoa sem remédio de perderte*

*'Roga a Deos, que teus annos encurtou,  
Que taõ cedo de cá me leve a verte,  
Quam cedo dos meus olhos te levou!*

---

I

*Que importa que separe a sera morte  
Os extremos, que amor ligou na vida,  
Se quanto mais violenta intima o corte  
Vive a alma no affeão mais unida:  
E posto te imagine, oh triste sorte!  
Nos horrores de hum tumulto escondida,  
Nunca do peito meu te dividiste,  
«Alma minha gentil, que te partiste.»*

## II

Se no Regio Pensil flor animada  
 Purpuras arrastrava a gallardia,  
 Por isso na belleza inseparada  
 A duraçãõ esmera exíllia:  
 Se estã na fermosura vinculada  
 Esta de morte occulta sympathia,  
 Que muito te auzentasses brevemente  
 «Tã cedo desta vida descontente?»

## III

Como flor acabou quem roza era,  
 Porém nessa fragrancia transitoria  
 Nãõ quiz ser flor na humana Primavera,  
 Por viver Serafim na excelsa gloria:  
 Ja que o desejo meu te considera,  
 Gozando nesse Empyreo alta victoria,  
 A pezar da saudoza dôr vehemente  
 «Repousa lã no Ceo eternamente.»

## IV

Nessa patria de rayos luminosa  
 Donde immortal se adora a luz immensa,  
 Alegre vivirã, alma ditosa,  
 Sem limite ja mais na gloria intensa,  
 Que eu infeliz em ancia ludoosa  
 Farey no meu gemido a dôr extensa;  
 Eterno goza tu o bem que viste,  
 «E vivu eu cã na terra sempre triste.»

## V

*Não cuides que o affeito de adorarte  
Se extinguiu nos limites de perderte,  
Porque na viva se de idolatrarte  
Na memoria conservo o bem de verte:  
Taõ constante me elevo em venerarte,  
Que não sey que pudesse mais quererte  
Se cã na terra dura onde me viste,  
«Se lã no affento etereo onde subiste.»*

## VI

*E se nesse brilhante firmamento  
De algum humano bem memoria dura,  
He porque no lugar da culpa izento  
Nãõ se veja do ingrato a mancha impura,  
Lembrete pois, ô alma, o vago alento,  
Que em suspiros exala esta ancã pura,  
Lembrete; pois tambem no Ceo luzente  
«Memoria desta vida se consente.»*

## VII

*Quantas vezes a tanta gallardia  
Portugal sacrificios dedicava?  
Nos altares de hum peito amor ardia,  
Nos ardores de huma alma amor se achava;  
Se este extremo que em luzes se acendia,  
Era fragoa de amor, que se abrazava,  
Para alivio efficaz de hum peito auzente  
«Nãõ te esqueças daquelle amor ardente.»*

## VIII

*Mas se algum dia o gosto por activo  
 Em cristalino rizo se explicava,  
 (Que tambem o prazer quando excessivo  
 Pelos olhos rethorico fallava)  
 Hoje corre turbado o successivo  
 Cristal, que o gosto amado publicava,  
 Turvo destilla a magoa o prunto triste,  
 «Que ja nos olhos meus taõ puro viste.»*

## IX

*Para eterno Padraõ huma saulade  
 Mausoleo immortal se crige: oh quanto  
 Pode huma dor! pois toda a eternidade  
 Breve circulo he de affecõ tanto:  
 Recebe pois, õ inclita Dcidade,  
 O liquido holocausto de meu prunto,  
 Se acaso digno he de engrandecerle,  
 «E se vires que pode merecerle.»*

## X

*Neste fero tormento desigual  
 Sem remedio me vejo enlouquecer,  
 Sendo fomite alivio para o mal  
 Nesta auzencia infeliz por ti morrer:  
 Vivo taõ satisfeito do fatal  
 Tormento, que me obriga a padecer,  
 Que mitigo no mal, que me deixou  
 «Alguma cousa a dor, que me ficou.»*

## XI

*Viste as Tagides bellas lamentando  
Entre as ondas do Tejo a morte escura,  
Que lacrimoso feudo derramando  
'Daõ a Neptuno insausla investidura?  
Viste os patrios montes arrancando  
'Do coraçãõ da penha a fonte pura?  
'Pois tudo effeitos saõ, se bem se adverte,  
«Da magoa sem remedio de perderte.»*

## XII

*Mas se tens por objecto o Celestial  
Numen, de quem te ostentas girasol,  
Felice tu mil vezes, que immortal  
Vives eterna à sombra desse Sol.  
E se pois transmigrou teu ser mortal  
A hum sublime ser, sendo Crisol  
Da virtude, que a tanto te exallou,  
«Roga a Deos, que teus annos encurtou.»*

## XIII

*Quantos desejarãõ no grave espanto  
Da anzencia, que formaste hoje em retiros,  
Abrandar essa urna com o pranto,  
Acender effus cinzas com suspiros!  
Qual à morte dirã: Naõ tardes tanto,  
Levame a mim tambem em vagos giros,  
'Pois quem cedo de mim soube esconderte,  
«Que taõ cedo de cá me leve a verte.»*



## XIV

*Qual nevada Bonina, que o subtil  
Matutino licor feliz beben,  
A quem o Sol ardente em rayos mil  
A odorifera pompa lle abateu:  
Assim ó bella Infanta, alma gentil,  
Noto no seu estrago o golpe teu,  
Que admirado do mal por certo estou,  
«Quam cedo dos meus olhos te levou!»*

DO DOUTOR ANTONIO JOZEPH DA SYLVA.



EDIÇÃO  
DE  
MANOEL DE MATTOS

---

*Commemorativa do jubileu nacional  
de 1880*



